

NEGROS OU MORENOS? OS IMPACTOS DO EMBRANQUECIMENTO NO PROCESSO DE NOMEAÇÃO E DE RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RENASCIMENTO DOS NEGROS, EM IRAQUARA (BA)¹

Luana Souza Silva²

RESUMO

A comunidade Renascimento dos Negros é uma comunidade quilombola, localizada na região do município de Iraquara-Ba. Ela faz parte das comunidades rurais da área e sua principal fonte de renda é a agricultura. Sua origem remonta à migração de quilombolas vindos de Baixão Velho, localidade situada no município de Seabra-Ba. Durante o processo de certificação, questões relacionadas ao racismo enfrentado pelos habitantes foram destacadas, especialmente em relação ao nome da comunidade. Após a reorganização da associação, iniciou-se um trabalho de resgate da herança cultural por meio de projetos de incentivo e valorização da identidade quilombola. Essas mudanças trouxeram novas perspectivas e resultados positivos no fortalecimento da identidade dos membros da comunidade Renascimento dos Negros.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola Renascimento dos Negros - história; negros - identidade racial; quilombos - Iraquara (BA).

ABSTRACT

The Renascimento dos Negros community is a quilombola community located in the region of the municipality of Iraquara, Bahia. It is part of the rural communities in the area and its main source of income is agriculture. Its origins date back to the migration of quilombolas from Baixão Velho, a town in the municipality of Seabra, Bahia. During the certification process, issues related to the racism faced by the inhabitants were highlighted, especially in relation to the name of the community. After the reorganization of the association, work began to rescue the cultural heritage through projects to encourage and value the quilombola identity. These changes brought new perspectives and positive results in strengthening the identity of the members of the Renascimento dos Negros community.

Keywords: black people - racial identity; Quilombola Community Renascimento dos Negros - history; quilombos - Iraquara (BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza.

² Graduanda em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que faz parte do processo de conclusão de curso da licenciatura em ciências sociais, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Contudo, também é parte da problematização acerca das noções de pertencimento e identidade que tive no meu processo de autoafirmação, enquanto quilombola. Desse modo, além da importância acadêmica, já que se trata de uma temática atual muito relevante, explora abordagens importantes sobre a questão racial na sociedade brasileira, é também contribuição para o quilombo Renascimento dos Negros, onde nasci.

Antes de ser reconhecida como quilombo, a comunidade foi nomeada por outros nomes, como: Rua dos Durados, Rua dos Negros, Os Morenos e atualmente conhecida e reconhecida como Quilombo Renascimento dos Negros. No decorrer dos anos, com o processo de troca de nomes na comunidade, foi possível perceber que os habitantes sofriam por conta do racismo. Ao longo dessa árdua trajetória, a comunidade encarou o processo de certificação que legitimou e certificou a comunidade como comunidade tradicional quilombola, revisitando uma memória dolorosa.

Considerando o contexto histórico social do Brasil, no qual as comunidades quilombolas cresceram e se desenvolvem, não é difícil concluir que os atravessamentos pela condição de ex-escravizados e pelo racismo sofrido no Brasil fossem motivos para a constituição de uma percepção degradante e desafiadora. Embora a luta dos movimentos sociais negros tenha alcançado êxito em várias dimensões da luta para a efetivação de políticas públicas e leis para a promoção racial no Brasil, a sociedade brasileira ainda sofre com os problemas estruturais raciais e sociais que os séculos da escravização propiciaram. No caso do quilombo Renascimento dos Negros, é nítida a presença de questões relacionados a cor da pele, num contexto precarizado e isolado.

O presente artigo aborda o processo de nomeação e certificação da comunidade quilombola de Renascimento dos Negros, analisando os impactos do branqueamento sob os membros da comunidade. De modo a compreendermos o processo de troca de nomes da comunidade, é necessário problematizar o seguinte: como as nomeações do Renascimento dos Negros implicam na autoafirmação identitária dos membros da comunidade, O trabalho parte do suposto que a tentativa de embranqueamento a partir da nomeação gerou tensão entre os

moradores em identificar-se ou não enquanto pessoa e comunidade quilombola, e também, com os moradores preferindo se autoidentificar como “morenos”, na tentativa de se afastar de uma percepção de negritude. Seguindo essa pressuposição em torno da problematização mencionada, se fez necessário entender como este processo implica na autoafirmação e construção identitária dos membros da comunidade. Portanto, os tópicos desenvolvidos no decorrer do presente artigo, contarão com a interlocução dos dados produzidos sobre as localidades de Iraquara e do quilombo Renascimento dos Negros, conjuntamente com o referencial teórico utilizado.

A produção deste artigo procura dialogar com os estudos étnico-raciais a partir da perspectiva de reconhecimento. Importante ressaltar que as obras mencionadas possuem um caráter analítico sobre a categoria raça, com reflexões pertinentes ao que diz respeito ao racismo e a opressão do negro no Brasil. Isto é, desde o impacto social ao psicológico, diante dos mecanismos do racismo estrutural e do estigma do negro e do quilombola enquanto povo oprimido.

Assim, as obras de Abdias do Nascimento, como *O Genocídio do Povo Negro Brasileiro*, e *Racismo e Violência Contra Quilombos no Brasil*, do CONAQ foram imprescindíveis para a construção desse diálogo. Estes autores contemplam uma análise crítica, sociopolítica e histórica essencial para as reflexões pertinentes a esta pesquisa. Outrossim, as obras de cunho psicossocial, como a de Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscaras Banca*, e também as reflexões de Grada Quiloamba, em *Memórias de Plantação, episódios de Racismo Cotidiano* e Neusa Santos, *Torna-se negro*, proporcionaram uma compreensão mais abrangente sobre a temática, no caso analisado.

Para a realização da pesquisa, a abordagem qualitativa foi utilizada, considerando o método argumentativo-explicativo, e entrevistas abertas e questionário que serviram como técnica de coleta de dados junto a representantes da comunidade. As entrevistas ocorreram através do Google Meet e Google Formulário.

2 ASPECTOS GERAIS DO MUNICÍPIO DE IRAQUARA-BA

Iraquara é uma microrregião da Chapada Diamantina, é também conhecida por *idades das grutas*, por ser uma extensão geográfica repleta de grutas e cavernas. O município possui cerca de 23.879 mil habitantes, segundo dados do IBGE do censo 2022. A mesma foi fundada em 5 de julho de 1962, sua população é distribuída no centro comercial (sede) e na zona rural, onde há uma maior concentração de comunidades e povoados. Tem base econômica voltada para a agricultura, com renda per capita de R\$ 34,878,97. A densidade demográfica é de 24,08 habitantes por quilômetro quadrado, com estimativa de 6.757 habitantes na área urbana e uma maior concentração da população na zona rural, com 15.844, de acordo com dados da Prefeitura de Iraquara (2016).

Os primeiros indícios de povoamento é provado com evidências arqueológicas, fósseis e pinturas rupestres na região, datadas de 12 mil anos, que evidenciaram a passagem de povos nômades pré-históricos (IBGE Cidades, 2017). Tendo em seguida a chegada dos colonizadores na metade do século XIX, atraídos por diamantes e ouro, estabelecendo garimpos que deram origem a povoados. A descoberta do leito do Riacho Água de Rega, por um tropeiro chamado Manoel Félix, originou o povoado Poço do Manoel Félix (Iraquara-BA, 2017). Mais tarde, em meados da década de 1930, tornou distrito de Seabra com o nome João Pessoa. Em 1962, o então povoado tornou-se município com o nome de Iraquara, o qual significa buraco de abelha na língua *Tupi* (Prefeitura de Iraquara, 2016). O período de festas juninas, é a principal festa e manifestação cultural da cidade, com uma culinária tradicional do mês de junho e com festividades religiosas como a missa da Pedreira, Nossa Senhora do Livramento, reisado e mesa de Cosme e Damião.

Como a maioria das cidades da Chapada Diamantina, houve uma intensa migração de pessoas vindas de diversos cantos da Bahia e do Brasil. Sendo uma parcela destas pessoas, formada por migrantes escravizados, ex-escravizados e libertos que migraram das antigas províncias da região central da Bahia no século XIX. O fluxo de migração pela região ocasionou a formação de novas cidades, permitiu também que povoados e vilarejos se formassem e crescessem.

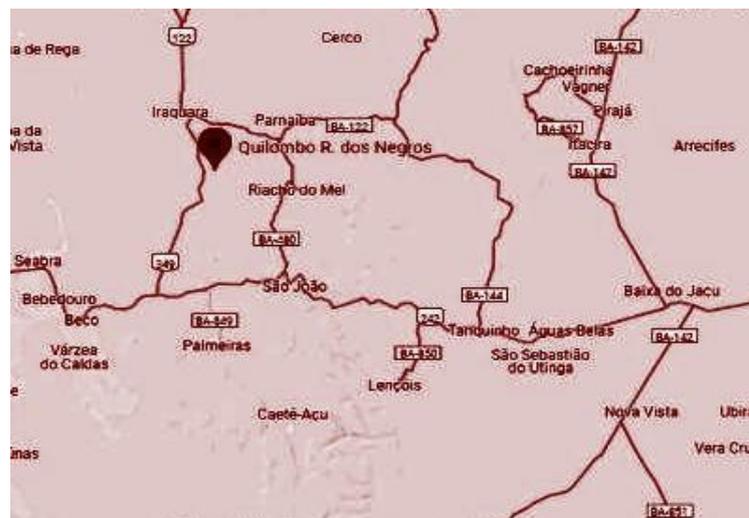
Em Iraquara residem 15.844 pessoas na zona rural (Prefeitura de Iraquara, 2016), este número é o montante dos moradores dos povoados e vilarejos, incluindo as comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Sendo elas: Mato Preto, Esconcio,

Riacho do Mel, Meio Centro e Renascimento dos Negros, sendo Esconcio e Renascimento dos Negros, reconhecidas no mesmo ano.

3 ASPECTOS GERAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RENASCIMENTO DOS NEGROS

O Quilombo Renascimento dos Negros possui base econômica agrícola de subsistência. A comunidade nasceu a partir da migração de quilombolas vindos da comunidade de Baixão Velho, do município de Seabra-Ba, por volta de ano 1925 (Griô Quilombola, 2020). Com aproximadamente 200 habitantes e cerca de sessenta famílias, segundo Jesus (2022). Localizada há 10 km do centro comercial de Iraquara–BA, as manifestações culturais carregam uma forte influência religiosa, tendo como festas tradicionais o reisado, o tríduo do Senhor do Bonfim nos dias 25,26,27 e 28 de abril. A reza de Santa Bárbara e a comemoração da mesa de São Cosme e Damião no dia 27 de setembro. E o mês de junho com as comemorações de São João, com fogueira em pé e fogueira deitada, e o costume do benzimento executado por mestre de saber espiritual.

Figura 1 - Mapa do Quilombo Renascimento dos Negros



Fonte: Google Maps (2024).

Entre os nomes que ficou conhecida a comunidade, o primeiro nome foi “*Os Durados*”, que faz alusão ao primeiro morador que lá viveu com sua família, cujo nome era Eduardo, que estabeleceu moradia naquele local, dando início a criação do vilarejo no final dos anos 80.

Contudo, ainda nesse período, o quilombo foi crescendo, o que antes era apenas uma pequena família passou a se multiplicar, dando origem a outras famílias e formou-se uma espécie de corredor de casas que mais tarde foi chamada de *Rua dos Negros*. Porém, Rua dos Negros tornou-se uma denominação de sofrimento para a população, devido ao racismo cotidiano que sofriam. Até que em meados dos anos 1990, um agente da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) mudou o nome da comunidade nos registros de campanha para *Os Moreno*, e daí em diante passou a ser chamada de Comunidade dos Morenos. A alteração do nome foi uma tentativa do agente, que acreditou com isso aliviar o menosprezo dado à comunidade por ser reconhecida pela denominação “Negro”, mas sem considerar o racismo estrutural na gênese dessa negação e repulsa ao termo negro.

3 QUILOMBOLAS E O RACISMO ESTRUTURAL

No Brasil colonial, os quilombos representavam grupos de pessoas que escapavam da escravidão imposta pelos colonizadores. Mas, também tinha e ainda tem um significado de resistência, esses grupos tinham uma estrutura econômica, militar e política bem organizada, como evidenciado pelo famoso Quilombo dos Palmares, que abrigava mais de 20 mil indivíduos. De acordo com Munanga (1996, p. 58), a palavra quilombo tem raízes africanas, vinda dos povos bantus (kilombo), localizados na região central do continente africano. No contexto brasileiro, os quilombos simbolizam uma história de resistência e luta para seus descendentes. Atualmente, segundo censo do IBGE de 2022, a população quilombola no Brasil é estimada em 1.327.802 pessoas, representando cerca de 0,65% da população total do país, sendo a Bahia e o Maranhão os estados com maior concentração de habitantes autodeclarados quilombolas.

Após o processo de democratização do Brasil e com a Constituição de 1988, foram estabelecidas normas e regulamentos para proteger e preservar a tradição das comunidades remanescentes de quilombos, garantindo seus direitos fundamentais, como o direito à saúde, educação e saneamento. Além disso, diversas leis, decretos e acordos internacionais foram promulgados em favor do fortalecimento da existência dessas populações, abordando questões como igualdade racial, reconhecimento territorial e educação. Vale ressaltar que as conquistas em prol das comunidades quilombolas também são fruto da luta das organizações dos movimentos sociais, como o MNU (Movimento Negro Unificado) e o Movimento Quilombola

no Brasil, que combatem o racismo e as desigualdades sociais.

Dentre as conquistas democráticas e políticas estão a lei n.º 9394, de 20 de novembro de 1996, que estabelece os princípios e normas da educação nacional. Com a inclusão obrigatória da história e cultura africana e indígena no currículo das escolas públicas e privadas, alterações introduzidas pelas leis 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e 11.645, de 10 de março de 2008. Já o Estatuto da Igualdade Racial, instituído com a lei de 20 de julho de 2010, se destina a combater a discriminação racial visando alcançar a igualdade de direitos para a população negra. Os decretos 4.886 e 4.887, de 20 de novembro de 2003, estabelecem a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR) e trazem medidas complementares para promover a igualdade. Por fim, o decreto 4.987 regulamenta o procedimento de identificação, reconhecimento e demarcação de terras quilombolas reivindicadas pelas comunidades remanescentes. E embora haja a existência de tais leis e decretos, a questão que se coloca é com relação à sua efetivação na garantia de direitos para a população tradicional quilombola. Vale lembrar que o racismo estrutural e o não reconhecimento dos direitos dos quilombolas, mesmo diante de um conjunto de leis específicas favoráveis a esta população, inclusive constitucionais, permeiam boa parte da estrutura ideológica que fundamenta a sociedade brasileira, e que impede a efetiva concretização dos direitos conquistados.

A pesquisa organizada pela Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ) revela que, segundo os processos institucionais envolvendo interesses do setor privado, há inclinações que comprometem a sobrevivência dos povos tradicionais quilombolas, e isso viola os direitos desses indivíduos que residem nos territórios em que se estabeleceram. A pesquisa também traz um panorama do contexto que levou a este resultado, identificadas as categorias com mais infrações em termos raciais: racismo institucional, mega projetos-socioambientais e manutenção de latifúndios.

[...] O dado chama atenção para provável co-constituição entre modelo de desenvolvimento socioeconômico atrelado à grandes obras e megaempreendimentos e o racismo das instituições públicas e também privadas. As políticas e as estratégias de desenvolvimento não tem sido neutras no que diz respeito à opressão de raça. Da mesma forma, a existência de latifúndios, associada à prática sistemática de violações de direitos dos quilombolas, denota certa permissividade político-jurídica estrutural com o regime classista de propriedade de terras no país, quem tem impedido o povo negro de defender seu território e seus modos de vida constitucionalmente assegurados. (Fernandes, 2023, p.44)

Ainda segundo a pesquisa, a violação de direitos vem tendo um aumento significativo, e os

agentes perpetradores dessa violência contribuem para a impunidade. Consonante a identificação do contexto, os agentes apontaram o envolvimento do setor privado que, segundo a CONAQ (2018–2022), novamente indica que “Essas informações, associadas ao caráter co-constitutivo do modelo de desenvolvimento, do regime de propriedade e do racismo institucional no que diz respeito às violações de direitos quilombolas, são indícios de que determinadas estruturas e órgãos do Estado estão aparelhadas e agem no interesse de grandes empresas e de negócios privados” (Fernandes, 2023, p.87).

Os direitos são fundamentados no combate à discriminação estrutural, e para também pelo fato dos negros enfrentarem problemas estruturais. E isso é coerente com o tratamento que os negros cativos na África receberam no Brasil, entretanto, isso nos leva a entender que se trata também de uma questão racial que precisa ser enfrentada em sua estrutura. (Fernandes, 2023)

Esta pesquisa também revela, que o racismo institucional é o fio condutor para os diversos conflitos e ações arbitrárias em campo público e privado. De fato, na base dessas violações encontram-se o racismo, os diversos conflitos e omissões de crimes contra comunidades quilombolas, têm sido cada vez mais frequentes e abertos. A questão é mais profunda, os interesses do setor privado juntamente com a negligência dos agentes públicos dificultam a materialização dos direitos destes indivíduos e de suas coletividades. Contudo, as comunidades quilombolas têm lutado pela sobrevivência de sua cultura ancestral, sua identidade, seu modo de existir e fazer ligados à agricultura e ao território.

4 OS DESDOBRAMENTOS DO PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE RENASCIMENTO DOS NEGROS, FRENTE À QUESTÃO DO ESTIGMA SOCIAL

Para o desenrolar deste tópico, se fez necessário os dados da pesquisa de campo, dados produzidos com as entrevistas abertas realizadas com os representantes da comunidade Renascimento dos Negros com foco no processo de certificação, inicialmente emitida pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Com base na metodologia descrita, as entrevistas ocorreram em momentos diferentes, com dois membros representantes da comunidade, respeitando a disponibilidade dos entrevistados, a entrevista foi guiada por uma estrutura de quinze perguntas realizadas pela plataforma do Google Meet. As perguntas pré-estabelecidas

no roteiro consistiam em evidenciar pontos de vista e percepções individuais, além da investigação de como sucedeu todo o processo de certificação e os desdobramentos do mesmo. O quadro abaixo mostra como foi pensado e distribuído o guia da entrevista.

Quadro 1 - Perguntas elaboradas para os entrevistados,
membros da associação do Quilombo Renascimento dos Negros

Bloco 1	Bloco 2
<p>Na questão da auto-identificação houve alguma resistência dos moradores em identificar-se como quilombola?</p> <p>O nome Renascimentos dos Negros foi de escolha dos moradores?</p> <p>Quais projetos foram inicialmente pensados a partir da organização da associação?</p> <p>Quais as principais conquistas e desafios encarados antes da certificação e depois da certificação da comunidade?</p> <p>Em algum momento houve apoio do poder público local ou instituição educacional?</p>	<p>Fale um pouco sobre você?</p> <p>Qual a sua impressão ou sentimento em relação à comunidade, antes da certificação e depois?</p> <p>Considerando a história local, o nome Renascimento dos Negros causou algum tipo de impacto nos moradores?</p> <p>Pensando no passado e no presente do quilombo, o ato da certificação contribuiu para alguma mudança significativa? Em que aspecto?</p> <p>Como você julgaria a organização coletiva dos moradores em relação aos projetos de incentivo à cultura da comunidade?</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Como apresentado acima, as questões acima serviram como um direcionamento, já que se tratou de uma entrevista com caráter semiestruturado. Os entrevistados serão mencionados como João e Maria, nomes fictícios criados para a preservação dos dados pessoais dos que participaram da entrevista. Parto do suposto, que este ato para com os entrevistados é de extrema importância na construção de pesquisas científicas, tendo em vista o decoro exigido na explanação dos dados coletados.

Em pesquisas científicas, é comum que se adote um procedimento ético a fim de não revelar as identidades dos participantes. Tal procedimento pode ser feito de diferentes formas. Uma das mais usuais é a troca de nomes verdadeiros por nomes fictícios, inventados pelo pesquisador. Outra é a omissão de alguns trechos dos depoimentos

que sejam muito pessoais e possam revelar ao leitor a identidade do entrevistado. (Maranha, 2012, p.65)

As respostas coletadas de ambos os entrevistados mostraram similaridade, tendo em vista a questão do reconhecimento. A referida comunidade recebeu certificação em 2013, passando a se chamar Renascimento dos Negros. Mas, é evidenciado que, anteriormente, já havia um pedido de certificação tramitado em 2011, na fundação cultural Palmares, com a comunidade nomeada Renascente dos Morenos. Esta ação teve iniciativa através da antiga associação, evidenciado no lato abaixo

Essa associação, não tinha um vínculo de resgate de ancestralidade ou algo ligado a ancestralidade da comunidade. Mas, apesar disso, eles fizeram um pedido na Fundação Palmares, para ser uma comunidade quilombola [...] em 2012 a gente refundou a associação e organizou a associação como Quilombo Renascimento dos Negros, e foi a mudança do nome também. (João, 2024, informação verbal)

A recusa do processo pela Fundação Palmares, tramitado em 2011, diz respeito não só à questão do nome, mas também em relação à autodefinição dos moradores locais. Por isso, fez-se necessário uma reorganização da comunidade e reestruturação da associação, já que se tratava de comunidade tradicional, identificando-se como Moreno. Conforme notado no relato do entrevistado. “Uma das coisas para conseguir a certificação era a questão do nome (Morenos) eles falavam que para poder conseguir a certificação como quilombola, o nome morenos se reportava a cor de cabelo, não era uma coisa que definia a identidade da pessoa.” (Maria, 2024, informação verbal).

A identificação da qual trata o segundo do decreto 4,887, descreve os principais parâmetros sobre reconhecimento e autodeclaração, tais parâmetros dão base e facilitam o processo administrativo de reconhecimento das comunidades quilombolas pela Fundação Cultural Palmares. Também possibilita que o enquadramento das percepções identitárias partam dos indivíduos da própria comunidade, para que não se tenha atribuições indevidas. Ainda sobre estes critérios elencados no artigo, descreve ser necessário considerar a ancestralidade africana e a relação singular com o território. No caso do Quilombo Renascimento dos Negros, pressupõe-se que, o ocorrido comprometeu a autopercepção identitária e dificultou o processo de certificação como Renascente dos Morenos.

A gente buscando outras formas de valorizar a ancestralidade e manter o sujeito negro como sujeito em ascensão, saímos do nome Morenos que era negativo para autoafirmação de pessoas negras. E passou para o nome Renascimento dos Negros,

visto que a gente tava reestruturando a associação [...] a gente mudou pra conseguir a certificação. E, pra fundação palmares conseguir compreender o processo de ter chegado aos morenos, resultado de racismo estrutural e institucional. A gente conseguiu debater com os moradores até chegar nesse consenso, foi algo, ao longo do tempo, difícil de ser implementado, apesar de ter aceitação. (João, 2024, informação verbal).

O observável, no que tange ao processo mencionado, é que para conseguir a aprovação e certificação, foi necessária uma mudança interna para reorganização do entendimento racial dos moradores, mudança a qual está sendo gradativa. Tendo em vista as dificuldades históricas e desafios atuais enfrentadas pela população negra no Brasil. Como pode ser percebido através da entrevista, a questão presente também relaciona-se às questões de identidade, já que atravessam as categorias de raça, classe e etnia.

Revisitado o processo histórico da comunidade, e considerando a contextualização da época, a identidade negra era muito desfavorável na década de 1990, como anteriormente a esse período também, apesar de todos os movimentos sociais em prol da ascensão do povo negro. Mas ainda bastante marcada pela violência do racismo e desigualdade. Portanto, devido às questões mais amplas relacionadas à identidade negra, entende-se que antes da ressignificação do termo negro de forma geral, a construção anterior foi imputada aos mesmos, para discriminar o negro africano e seus descendentes, no intuito de subalternizá-los. Segundo o que pode ser sondado sobre a época do processo, a relação dos moradores com o nome sugerido também causou um estranhamento e uma certa insatisfação. “Antes, quando chegamos com o processo de certificação e resgate da identidade, associavam ao navio negreiro. Porque viam na escola nos livros didáticos. Que o negro veio do navio negreiro, veio da escravidão” (João, 2024, informação verbal).

De fato, os livros didáticos anteriores a lei 10.639/03 mostravam a figura do africano de maneira deturpada, reduzindo a grandiosa história do continente africano a partir dos fatos da escravidão, reportando apenas à figura do africano, desassociada de qualquer tipo de conhecimento da sua estrutura social e cultural. Partindo da contextualização da era colonial brasileira, os africanos escravizados no novo mundo receberam tratamentos indignos e subalternizantes, foram incapacitados de recorrer aos seus valores culturais e de se reconhecerem na condição de “humano civilizado”, assim como também constata Munanga (2012). Conforme a narrativa de João e Maria, o nome Renascimento dos Negros causou um certo incômodo, já que relembra as situações de racismo cotidiano, quando a comunidade

chamava-se Rua dos Negros, denominação, que foi dada a comunidade sem o consenso comunitário dos moradores. Mas com o tempo foi sendo naturalizada até ser substituída com a justificativa de ser algo ruim.

Apesar da complexidade dessa questão, a certificação do Quilombo Renascimento foi finalmente emitida. No caso, a reorganização feita através dos representantes entrevistados surtiu um efeito positivo, já que os moradores daquela localidade tiveram suas percepções identitárias comprometidas ao longo da trajetória da comunidade e da sua relação com agentes institucionais e com regionais. O que pode ser feito a partir da organização citada nos relatos, foi o resgate das raízes ancestrais da comunidade, que só foi possível através da reorganização da associação. Contudo, essas iniciativas tinham um o objetivo de ressaltar para os moradores sobre seus direitos enquanto pessoas e comunidade quilombola, e para isso a autoafirmação como quilombola seria fundamental. Já que a partir desses direitos poderiam ter uma outras perspectivas de vida. Basicamente, essa ação tornou-se um trabalho de ressignificação, já que a imagem que se tinha sobre ser negro e quilombola era negativa.

A gente se sentia excluído, se sentia inferior as outras pessoas. Quando comecei a me identificar assim como quilombola, como mulher negra, foi depois do acesso à universidade, aqui na comunidade a gente só ouvia falar na escola. (Maria, 2024, informação verbal).

Através dos esforços da associação, os resultados começaram a aparecer, além da certificação como conquista parcial deste esforço, tiveram jovens acessando o ensino superior por meio de política de cotas. Considerando a formação da sociedade brasileira, e os impactos das políticas racistas, podemos compreender que as dinâmicas históricas foram desfavoráveis à população negra, resultando em problemas sociais gravíssimos, que afligem principalmente a essa parcela da população. Mas, apesar disso, é significativo para a luta do negro no Brasil o movimento negro, pois a maioria das ações realizadas nas políticas raciais e sociais para ações afirmativas partiram de iniciativas coletivas através do movimento negro. Neste sentido, os projetos, inicialmente pensados para incentivar os moradores, aumentaram a confiança dos mesmos, revelando uma maior aceitação das pessoas do povoado, na condição de quilombola.

Não obstante, até chegarem a essa autoidentificação, que foi fortalecida com o processo de certificação e reorganização interna, os mesmos indivíduos, se auto percebiam pela identificação como morenos. Esta identidade pode ser interpretada como resultado da tentativa

de embranquecimento na época. Diante destes desafios, a estruturação da associação voltada a valorização da ancestralidade africana, trouxe uma nova perspectiva que ressignificou a imagem do negro e fortaleceu a identidade racial dos habitantes do quilombo Renascimento dos Negros.

Podemos perceber que a existência de ações e políticas afirmativas começou a fazer uma pequena diferença na vida de muitos homens e mulheres negras no Brasil. A sociedade brasileira foi construída baseada numa supremacia branca e a marginalização de outras culturas e modos de ser. Assim, outros grupos étnicos e raciais participaram do crescimento da sociedade e tornou-se a força motriz para alcançar os objetivos do imperialismo português.

Diante do que pode ser investigado, podemos compreender por meio dos relatos que a comunidade sofreu um certo choque, mediante a certificação. Que expôs a questão do racismo sobre aquela população. Em se tratando dos traumas e de uma identidade negativa imputada aos africanos outrora rejeitados, os negros assimilaram a cultura do branco imposta, foram incapacitados de enaltecer a sua estética e identidade africana e por consequência deste tratamento começaram a negar a si próprio, como suas características físicas, sua capacidade intelectual, seus atributos positivos e a sua cultura. Longe de casa e constantemente oprimidos, homens e mulheres africanas sem quaisquer direitos sucumbiram ao genocídio e ao epistemicídio impostos pela escravização.

Nessa lógica, os moradores do quilombo identificarem-se como morenos na tentativa de amenizar o racismo e sentimento de inferioridade. E isso levava a uma ação de torná-los “menos negros”. Mas para essa classificação devemos entender o que significa o conceito ou significado de morenos, para tentar entender o sentimento de desconforto em relação ao nome negro como enquanto indivíduo racializado. Segundo o dicionário de língua portuguesa Houaiss e Aurélio, “*moreno*” relaciona-se com o “que ou quem tem a pele azeitonada, ou amarronzada” (Houaiss, 2009, p. 1318), “Que tem a cor trigueira” (Ferreira, 2010, p. 1424) e aquele(a) cuja cor do cabelo varia entre o castanho escuro e o preto (Houaiss, 2009, p. 1318). A palavra *moreno* apresentada nos dicionários é um adjetivo substantivo masculino, mas como conceito no Brasil refere-se à variedade étnica e cultural que está presente na sociedade. O mesmo pode ser usado para identificar uma pessoa com tonalidade de pele mais escura em relação à pessoa de pele branca, ou mais clara em relação à cor de pele preta, compreendendo *moreno/morena* com perfil misto na classificação de pessoa parda. Mas, em sua matriz, origina-

se de *mouro*.

A palavra “moreno” vem de outra palavra conhecida até os dias de hoje: mouro. Essa palavra era utilizada pelos europeus para designar os povos invasores originados do Norte da África (Marrocos, Argélia, Mauritânia e Saara Ocidental). O nome “mouro” deriva de Mauritânia, mas com o passar o tempo foi utilizado para se referir a todos os povos invasores citados anteriormente (Segredos do Mundo, 2009).

Isso também pode ser estudado a partir do colorismo, o qual é um sistema de hierarquização social que define como as pessoas são socialmente interpretadas com base no tom da pele e em outras características. Esse fenômeno pode ocorrer em interações entre indivíduos de todas as cores, variando conforme o contexto histórico. Essa prática discriminatória se embasa na cor da pele e em outras características físicas, impactando negativamente a vida das pessoas ao contribuir para a manutenção de desigualdades, prejudicar a autoestima e limitar o acesso a oportunidades. No território brasileiro, a temática do colorismo é amplamente debatida tanto nas plataformas virtuais quanto nos debates políticos relacionados à posição das pessoas negras com pele mais clara, ou chamadas de “pardas”, na sociedade. Apesar de possuírem semelhanças, o racismo e o colorismo possuem distinções significativas que precisam ser compreendidas. Contudo, de maneira semelhante ao racismo, o colorismo impacta negativamente a autoestima, as oportunidades de acesso e a saúde mental dos indivíduos negros.(Brasilecola,2021) Seguindo por essa lógica colorista, o negro com tonalidade de pele mais escura sofre mais preconceito, porque a diferença de tratamento, causada pela diferenciação de tonalidades entre pessoas negras, perpétua o racismo, qualificando, desqualificando e padronizando pessoas pretas.

Conforme o caso exposto no texto , a situação relacionada a comunidade pode ser, também, interpretada de maneira racista, considerando que os moradores são majoritariamente negros/as retintos. E, por meio dessa mesma lógica, a troca de nomes pode ser interpretada de maneira equivocada, já que os mesmos são facilmente lidos como descendentes de africanos e africanas, por conta dos fenótipos, cultura popular e caracterização histórica. Além disso, se tornou um dilema, pois, da forma como foi colocado, entende-se que o objetivo era desvincular da imagem negativa imposta sobre eles/as, a amenizar o impacto do racismo naquela altura, mas, acabou sendo um tentativa de embranquecimento forçada, propiciada pelas circunstâncias. E por isso, morenos significativamente, permaneceu como nome da comunidade por mais de 30 anos. Possivelmente o entendimento para os próprios moradores era que Rua dos Negros os colocava numa situação inferior e subalterna, pois, de fato, o próprio nasceu como fruto do preconceito

e discriminação dos grupos externos.

[...] o enfraquecimento racial dela sendo morena dava a ela, no pensamento, sair do ser negro, de, sair da ancestralidade da escravidão, e de ir para o patamar de pessoas mais sociáveis. Então, elas tinham essa falsa impressão de que o nome era mais aceitável, porque, tiravam eles da condição de escravo. Mais, ao longo do tempo eles foram vendo que a questão renascimento dos negros, não era associada a escravidão, e, sim, a ancestralidade africana. (João, 2024, informação verbal).

A pouca consciência racial a que se refere o entrevistado, está ligada às noções dos moradores que se entendiam como pessoas morenas, assim como o relato acima descreve. Souza (2021) interpreta que “o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de se “tornar gente” (Souza, 2021, p. 46), esse é um entendimento que podemos enquadrar o caso dos moradores de Renascimento nesta mesma lógica. A condição de “sociável” como colocada por João, está associada a condição hegemônica do branco na sociedade, tendo em vista as concepções ideológicas da branquitude. É nítido que os problemas da escravidão refletem até mesmo sobre contextos isolados, isso porque o modelo de sociedade que temos está estruturada nas amarras escravocratas, então pressupor que o negro estará em desvantagem nas relações de poder, não é nada difícil de se constatar.

Assim como pontua Abdias do Nascimento (2016) na obra *O genocídio do negro brasileiro, processos de um racismo mascarado*. No capítulo intitulado *O Embranquecimento Cultural: outra estratégia de genocídio*. Ele traz à tona a ideia do genocídio como plano principal na dizimação da cultura africana no Brasil. O “Racismo à brasileira” como bem cita, tem em sua matriz institucional o racismo contido e mascarado, neste sentido, é legitimado pela máquina governamental e nos campos sociais, políticos, econômicos, culturais e psíquicos. Sendo a democracia racial colocada pelo autor como uma utopia ou metáfora. Podemos partir da concepção de que há rejeição da figura do homem africano e aversão dos valores culturais dos mesmos, por isso que se viu em escala de fenômeno um esforço considerável para apagar da história brasileira a herança cultural africana pensada através dos planos políticos de racialização do país.

Partindo de tais concepções, pode-se compreender que as intenções por trás da miscigenação da população brasileira, foi fortalecido pelo pacto da branquitude, como formula Bento (2022). É válido mencionar que tais percepções baseadas na desigualdade racial se mantiveram ativas embasadas numa classificação de raças pseudocientíficas, que tinha o papel de caracterizar

biologicamente o indivíduo branco na sociedade como o suprasumo da evolução e civilidade. Consonante a esta perspectiva, o trabalho apresentado no Congresso Internacional das Raças de 1911, pelo médico Dr João Baptista Lacerda, intitulado *The Metis, or half-breeds, of Brazil* (Os Metis, ou mestiços, do Brasil), abordou a mistura de raças no Brasil e a progressão do clareamento da população mestiça. Um dos pontos abordados e defendidos por Lacerda foi de que não houve segregação dos negros escravizados pelos portugueses pós-abolição, que a relação entre brancos e negros era algo consideravelmente boa e que o intercuro sexual ocasionaria no aumento da população mestiça. Evidentemente a situação descrita por ele tratava-se de uma narrativa romantizada, com o intuito de promover uma imagem positiva do Brasil. Contudo, o branqueamento da população brasileira foi um projeto ideológico discutido e defendido por alguns que apoiaram e acreditavam na supremacia da raça branca.

Em se tratando de uma identidade negativa construídas para os africanos escravizados, que foram subalternizados e rejeitados, os negros internalizaram na psique a violência constante de forma direta e indireta, por consequência desse tratamento racista a que foram expostos. Assim, Começaram a negar a sua ancestralidade, suas características físicas, sua capacidade intelectual, seus atributos positivos e a sua cultura. “Tendo que se livrar da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma concepção positiva de si o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo estratégia de ascensão social” (Souza, 2021, p.47), o que em parte explica as dificuldades dos membros do quilombo em afirmarem-se na condição de negros.

No movimento de construção de uma identidade positiva, as diversas investidas da população negra pela retomada da consciência resultou numa ação mais coletiva e incisiva na promoção da igualdade na sociedade brasileira. No texto “Alisando o meu cabelo”, de Bell Hooks, são pontuadas três questões muito pertinentes: o padrão de beleza europeu, a validação da mulher negra na sociedade e a estigmatização das populações negras. As pessoas pretas, de modo geral, não conseguiam reconhecer a si mesmas ou se quer construir uma autoimagem positiva, devido ao racismo e do estigma colocado sobre eles, tendo seus costumes desvalorizados, beleza e cultura depreciada.

5 NOVA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO RENASCIMENTO DOS NEGROS

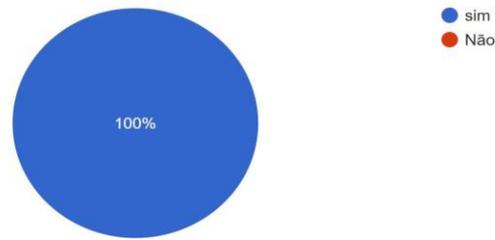
Diante dos fatos exposto, são muitos os questionamentos a serem feitos sobre o passado e o presente do Quilombo Renascimento dos Negros. O que se percebe é o reflexo das estruturações das relações raciais no Brasil e os efeitos negativos do racismo. Retomando o ponto-chave da problematização, os aspectos importantes revelados com o processo de certificação foram percebidos na autopercepção dos moradores, distanciando-se dos estigmas. Esta autopercepção pode ser interpretada como resultado da tentativa de embranquecimento e, diante dos desafios a estruturação da associação voltada a valorização da ancestralidade africana, trouxe uma nova perspectiva que ressignificou a imagem do negro, fortalecendo a identidade racial dos habitantes do quilombo Renascimento dos Negros.

Dos dados produzidos através do questionário aplicado com os moradores do quilombo, dezessete participantes responderam ao questionário. A estrutura do questionário foi composta de 20 perguntas, em torno da percepção dos habitantes do Renascimento. A faixa etária das dezessete pessoas que registraram suas respostas, esteve entre 19 a 57 anos, dos quais 60,9% são lavradores, totalizando 10 pessoas. Como já mostrado, um dos objetivos da pesquisa foi compreender os impactos em relação à renomeação da comunidade, porém, considerando que isso ocorreu há 13 anos, é necessário entender se a mesma questão ainda se faz presente diante do contexto atual. A partir da enquete realizada, pontos importantes foram evidenciados através das respostas, com uma predominância de participantes mulheres, sendo 94,1% de respondentes.

Com base na aplicação do formulário, foi percebida que as ações de enfrentamento e resgate ancestral tiveram efeitos positivos, com respostas que indicam uma possível aceitação em relação à identidade quilombola. Como podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Considera Quilombola

6 - Você se considera Quilombola?
17 respostas

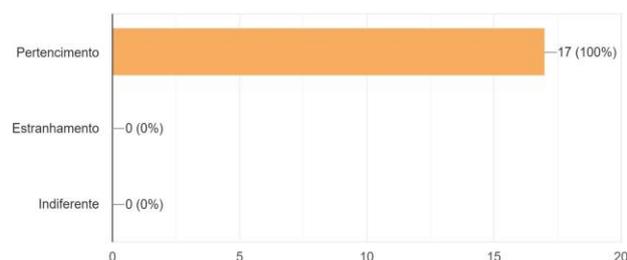


Fonte: Google Formulário, 2024

Ainda com relação à questão da identificação por parte dos quilombolas, o nome Renascimento dos Negros parece ser uma realidade, tendo 100% dos respondentes identificando sua comunidade pelo nome atual. O que podemos considerar ser uma conquista, já que sempre se constituiu um desafio reafirmar a negritude diante dos episódios de racismo e memórias negativas (Oliveira, 2022, p. 76). Devido as novas perspectivas e caminhos traçados na comunidade, nota-se que se tornou mais valorizada nos últimos 13 anos, sendo evidenciado nas perguntas 10,11,12 e 13 do questionário, onde podemos notar a relação entre a conquista da certificação e sentimento de pertencimento. Na questão 10, 94,1% aprovaram a certificação da comunidade. Na pergunta seguinte, a mesma porcentagem de pessoas declararam não terem problemas em se identificarem como quilombolas. Mas, na pergunta número doze, 23,5% identificaram ter problemas em se identificar enquanto quilombola até o ano de 2019, enquanto os outros 76,5% não possuíam essa dificuldade. O que evidencia que há 5 anos existia alguma resistência em relação a autoidentificação, mas pressupõe-se que as novas gerações tenham conseguido alcançar uma maior consciência em relação ao seu pertencimento étnico.

Gráfico 2 - Sentimento em relação ao quilombo onde mora

13 - Atualmente qual o sentimento que você tem em relação ao quilombo que você mora?
17 respostas



Fonte: Google Formulário (2024).

De fato, os resultados observados foram positivos com a certificação, demonstrando uma organização comunitária e participação dos moradores na associação, mas devido à situação ainda ser considerada um pouco recente os obstáculos estão sendo superados lentamente. Mas, a mudança é inegável, e essa situação também reflete a experiência do negro na construção da subjetividade, tornando-se agente ativo nas decisões comunitárias, na valorização de sua ancestralidade e identidade. É como também interpreta Nascimento (2016, p.161–168), a partir das iniciativas do Teatro Experimental do Negro (TEN).

Na pesquisa realizada, a maioria dos respondedores se declararam racialmente pessoas pretas, identificando-se racialmente com a identidade negra. É perceptível nas respostas onde os respondentes descrevem o significado de ser negro, associando agora ao legado ancestral e a resistência contra a escravização usando adjetivos como “guerreiros”, “resistentes”, “determinados”, “fortes” e “corajosos”. Evidenciando uma concepção diferente, porém, com adjetivos, que estão ligados ao enfrentamento da escravidão, e não a uma caracterização mais subjetiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve em vista investigar os impactos da renomeação da comunidade na identificação racial e quilombola dos moradores do quilombo Renascimento dos Negros. Por meio deste trabalho foi constatado que houve um impacto relacionado à autoafirmação dos membros do quilombo, em 2013. O processo de renomeação da comunidade desde Rua dos Negros, passando por Comunidade dos Morenos até Renascimento dos Negros, afetou a autopercepção dos moradores em relação às suas raízes ancestrais, evidenciada na troca dos termos morenos para renascimento dos negros. O desafio em torno da certificação ainda é algo muito presente, que segue sendo superado gradualmente, outras novas adversidades terão de ser encaradas e confrontadas conjuntamente, mesmo com os moradores hoje se autoafirmando enquanto quilombola. De certo, o distanciamento da identidade negra corroborou para o desafio da autoatribuição, desencadeando um desconforto com a nova nomeação da localidade e da condição legal enquanto comunidade quilombola.

Entretanto, em decorrência dos incentivos e novas perspectivas traçadas, a questão de ser quilombola foi sendo encarada de maneira mais positiva. Porém, o fortalecimento comunitário

ainda encontrará obstáculos, mesmo tendo a aceitação e entendimento dos moradores. Por se tratar de uma comunidade em sua maioria negra, e pouco participativa nas questões relacionadas à política municipal, poderá seguir sem a assistência necessária do poder público local. Pois, é necessário se posicionarem e reivindicarem seus direitos básicos para que se tenha o cumprimento da lei. A materialização da igualdade em sua plenitude continua sendo gradativa, tanto para os quilombolas, quanto para as populações negras de forma geral. Sendo assim, o enfrentamento do estigma social de ser negro, segue sendo fortalecido pelas novas perspectivas do direito coletivo. No entanto, para manter seus direitos é necessário fortalecer o vínculo comunitário e a enaltecer os saberes produzidos na comunidade. É por via de uma educação específica quilombola que isso será ainda mais potencializado, já que se trata de um direito fundamental dos quilombolas de todo Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliete Jesus. **Modos de Vida e Agroecologia na Comunidade Quilombola de Renascimento dos Negros no Município de Iraquara-Ba**, Bahia 2022, Trabalho de Conclusão de curso; obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo — Ciências Agrárias. UFRB; Amargosa-Ba.

BEATRIZ NASCIMENTO, QUILOMBOLA E INTELLECTUAL; Possibilidades nos Dias da Destruição. UCPA (Org.). 1.ed. Filhos da África, 2018.

CARVALHO, Mônica Maranhã Paes de. **Design Sustentável ou Social? Como os Designers que Fazem Projetos para Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável Caracterizam seu Trabalho**. Monografia, obtenção do grau de mestre pelo programa de estudos de pós-graduação em Design. PUC, Rio de Janeiro.

CIDA, Bento. **O Pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FERNANDES, Ana Carolina Araujo, et al. CONAQ (Org.). **RACISMO E VIOLÊNCIA CONTRA QUILOMBOS NO BRASIL; Coordenação da Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas- CONAQ Terra de Direitos**. 2. ed. 16 de novembro de 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Da Língua Portuguesa**. Salvador, Editora Positivo, 2010.

FRANTZ, Fanon. **Pele Negra Mascaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. 1.ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, editora Objetiva, 2009.

IRAQUARA–BA, IBGE Cidades,1997,disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso: 22 de janeiro 2024.

MENDES, Rafael Pereira da Silva. "Colorismo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/sociologia/colorismo.htm>. Acesso em 16 de maio de 2024.

KILOMBA, Grada. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO**: Episódios de Racismo Cotidiano. Tradução de Jess Oliveira.1.ed.Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica.3.ed. 2012.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 28, p. 56–63, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>. Acesso em: 22 abr. 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO**: Processo de um Racismo Mascarado. 4. ed. São Paulo: perspectivas, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. SOARES, E.(Coord.). **O QUILOMBISMO**: Documentos de uma Militância Pan-africanista.3.ed.São Paulo: Perspectiva, 2019.

OLIVEIRA, Marisa Barbosa de. **O jovem quilombola na Comunidade dos Morenos: conflito de identidade em uma discussão com a alteridade social**. Bahia 2022, Monografia, obtenção do grau de Mestre em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras, UNEB, Irecê-Ba.

PREFEITURA DE IRAQUARA. Dados geográficos, 2016. Disponível em: <https://www.iraquara.ba.gov.br/>. Acessado em: 22 jan. 2024.

QUILOMBO RENASCIMENTO DOS NEGROS, Griosquilombola, 2020, disponível em: <https://griossilombola.redelivre.org.br/apresentacao/>. Acesso; 24 de janeiro de 2024.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, p. 745–760, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. **TORNAR-SE NEGRO**: Ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social; prefácio de M.L, da Silva e J.F, Costa.1.ed.Rio de Janeiro; ZAHAR, 2021.